

Narratologia e Meios de Comunicação

Benjamim Picado

jbpicado@hotmail.com

Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF).
Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

PPGCOM Programa de Pós-Graduação
COMUNICAÇÃO UFF
MESTRADO E DOUTORADO

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

PICADO, Benjamim. *Introdução*. In: **Revista Contracampo**, v. 27, n. 2, ed. ago-nov, ano 2013.
Niterói: Contracampo, 2013. Pags: 5-9

Edição 27 /2013

Contracampo
Niterói (RJ), v. 27, n. 2, ago-nov/2013.
www.uff.br/contracampo

e-ISSN 2238-2577

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo

O presente texto do professor Raphaël Baroni, gentilmente cedido por seu autor e pelos editores da revista *Poétique*, para circular em uma versão em língua portuguesa, em *Contracampo*, tem uma significação considerável, quando avaliamos o quadro das reflexões que, no campo de estudos da comunicação, abordam as questões oriundas dos produtos e estratégias discursivas do universo dos meios de comunicação, combinando-as com determinados instrumentais, historicamente mais frequentes em nosso campo de estudos, oriundos das teorias da linguagem e da significação.

Nestes termos, esta amostragem de um certo pensamento contemporâneo situado no âmbito dos estudos da narratologia (e aplicada eminentemente aos domínios da reflexão sobre fenômenos do campo da literatura) nos aporta sugestões de não pouca monta sobre os modos de pensarmos, em nosso próprio campo de estudos, sobre os necessários enlaces que articulam a discursividade dos modernos meios de comunicação e os aspectos de sua constituição enquanto segmento de um corpo mais integral das narrativas.

Mas, para que possamos examinar estas questões na dimensão em que o texto presente ilustra a importância de sua circulação nas pesquisas em comunicação, precisamos localizar o contexto originário deste pensamento que articula uma certa herança hermenêutica, para tematizar a pregnância existencial da narrativa para o interesse das ciências humanas e sociais. Vejamos como isto se manifesta, a seguir.

O percurso deste autor no âmbito dos estudos literários, ainda que recente, já aponta para importantes contribuições e renovações que se podem ressentir, especialmente quando consideramos o alcance de determinadas questões de sua interrogação a certos fundamentos da narratologia e a crítica que Baroni tem construído constantemente sobre o excessivo fechamento das mesmas ao âmbito da literatura e de seus congêneres: assim sendo, desde seu primeiro livro, *La Tension Narrative* (resultado de sua tese doutoral, defendida em 2005, na Universidade de Lausanne, e publicada em forma de livro em 2007, na coleção « Poétique », da Seuil, dirigida por Gérard Genette), ele vem abordando certas questões ligadas ao fundamento poético das intrigas narrativas, recusando a suposta imanência das estruturas textuais da narrativa literária.

Neste contexto, a dimensão mais dinâmica da manifestação das forças que conduzem um corpo narrativo deverão implicar da narratologia uma maior atenção a certos aspectos frequentemente negligenciados da interação entre as formas textuais e o horizonte da recepção e da leitura, em perspectivas bem variadas : é nestes termos que emerge para ele a questão do necessário estudo sobre alguns dos principais paradigmas da interação entre texto e leitura, manifestas sob a quadra conceitual da « tensão narrativa » - é assim que encontraremos em sua obra a atenção que ele destaca para as experiências da « curiosidade », do « suspense » e da « surpresa », como características do modo como a intriga literária pressupõe os quadros da recepção e da compreensão de seus textos. Como veremos mais adiante (e no próprio texto de Baroni, a seguir), vislumbra-se aqui um modo de pensarmos determinados regimes da textualização do acontecimento, que caracterizam, por exemplo, esta espécie de narratividade do histórico, própria ao jornalismo contemporâneo.

Dentre as principais influências de seu trabalho, destacam-se para nós a importância da narratologia funcionalista do estudioso israelense Meir Sternberg, assim como as referências fenomenológicas da estética da recepção da escola de Konstanz (com especial atenção a Wolfgang Iser), as vertentes cognitivistas e interacionistas das teorias narrativas e estéticas (em Jean-Michel Adam e Jean-Marie Schaeffer) e, finalmente, as vertentes peirceanas das teorias semióticas da recepção (encarnadas na última fase dos escritos semióticos de Umberto Eco).

O texto que apresentamos exprime uma fase do pensamento de Baroni que se articula com os trabalhos que ele vem realizando sobre as narrativas serializadas da imprensa diária, e que repercute em sua obra mais recente, *L'Oeuvre du Temps* (publicada em 2009, na mesma coleção de *La Tension Narrative*) : neste último livro, Baroni aborda as relações teoricamente difíceis que persistem entre as noções de « tempo » e de « narrativa », repercutindo então algumas das mais conhecidas sugestões acerca destes pontos, na obra monumental de Paul Ricoeur, e no longo arco compreendido em suas interrogações, em *Temps et Récit*. Ao explorar a questão dos regimes de mediação narrativa do histórico, nas formas da intriga jornalística do acontecimento, Baroni é levado a constatar a falsa impressão de uma unidade conceitual da empresa ricoeuriana sobre uma « poética da intriga ».

Dentre os vários aspectos que Baroni destaca, nesta avaliação crítica da herança de Ricoeur para uma abordagem da intriga narrativa, nota-se a falta de uma maior atenção aos aspectos simultaneamente dialógicos e dinâmicos da experiência de uma arte de contar histórias, aspecto este que apenas começa a se desenhar nos momentos finais da obra de Ricoeur: em especial, teria faltado a este projeto uma maior atenção com respeito às interseções entre os problemas da cognição dos textos narrativos e o horizonte necessariamente passionalizado de sua compreensão, aspecto este que demarcou toda uma linhagem de diferentes pensamentos sobre a experiência narrativa (tanto na perspectiva tardia do gerativismo greimaseano, quando na tradição da estética da recepção de Iser). Sem dotar a atualização das estruturas textuais pelos atos de leitura, como elemento central do exame sobre a potência comunicacional da intriga literária, a perspectiva hermenêutico-existencial de Ricoeur teria ficado a meio caminho de uma compreensão mais completa do significado poético das formas narrativas.

Este estudo das relações entre tempo e narrativa (manifestas no exame crítico que ele faz, no presente texto, às idéias de Ricoeur), permitiu também a Baroni aprofundar sua crítica aos modelos estruturalistas das teorias narratológicas (que imperaram no campo da comunicação, por exemplo, por praticamente vinte anos, no século passado), de uma maneira mais expressa do que aquela que encontramos em suas primeiras teses, em *La Tension Narrative*: ele contesta especialmente as teses de « fechamento estrutural » (em outros contextos, a idéia de uma « imanência » das estruturas textuais das formas narrativas), manifesta por uma separação entre uma narratologia « modal » (em Genette) e outra « temática » (em Greimas e Bremond), assim como a tendência a reduzir a intriga a uma espécie immanente de história.

Para além destas questões, Baroni vem igualmente se interrogando sobre o problema da ficção, em suas dimensões « éticas » (relativas ao paradigma interacional e pragmático de suas teses) e « aléticas » (derivadas dos « regimes de verdade » associados à produção narrativa em certos gêneros textuais), colocando sempre estes problemas na relação com a polifonia constitutiva da enunciação romanesca, mas também com aspectos de toda uma outra discursividade que ainda sói descortinar-se ao trabalho analítico da narratologia, como no caso das narratividades mediáticas e jornalísticas.

Em suma, no corpo de sua obra mais recente, Baroni nos propõe uma rearticulação das proposições de Paul Ricoeur sobre a fenomenologia do tempo e sua atualização narrativa, a partir de uma definição sobre o paradigma de uma « poética comparada dos gêneros da intriga »: neste novo quadro interpretativo, o caráter intrigante das narrativas de ficção deveria ser contrastado, com respeito a outras formas da produção da tensão discursiva e narrativa, pelas quais a temporalidade articulada a partir de uma existência dos eventos contados se daria menos pela exploração tensiva de seus meandros (como no caso dos gêneros ficcionais que visam passionalizar a leitura), mas por uma configuração explanatória do tempo acontecimental. Nestes termos, a narrativa histórica (ou sua mediatização jornalística) manifestaria uma outra articulação da experiência temporal, ainda que dependente (como no caso da ficção) de uma articulação entre a experiência bruta da temporalidade, sua atualização intrigante e o horizonte passional da recepção à qual se destina.